



OCEANO
ATLÂNTICO
NORTE

TOULOUSE

PERPIGNAN

BARCELONA

ALICANTE

MÁLAGA

TÂNGER

CASABLANCA

MOGADOR

AGADIR

CABO JUBY

LÍBIA

DAJLA, VILLA CISNEROS

PORT-ÉTIENNE

SÃO LUÍS

CABO VERDE

DAKAR

NATAL

BAHIA

RIO DE JANEIRO

OCEANO
ATLÂNTICO
SUL

OS ANDES

SANTIAGO
DO CHILE

MONTEVIDEO

BUENOS AIRES

A LINHA

TERRA DOS HOMENS

Antoine
de Saint-Exupéry

Ilustrações de Riad Sattouf

Tradução de Margarida Madeira



gradiva

ÍNDICE

A propósito de <i>Terra dos Homens</i>	13
I. A Linha	21
II. Os Camaradas.....	51
III. O Avião	81
IV. O Avião e o Planeta	87
V. Oásis	108
VI. No Deserto.....	121
VII. No Centro do Deserto	176
VIII. Os Homens	248

A PROPÓSITO DE *TERRA DOS HOMENS*

por Riad Sattouf

Como muitas crianças, descobri Saint-Exupéry graças a uma cassete de áudio d'*O Príncipezinho*, com a leitura de Gérard Philipe. Isto foi no início dos anos 80, na Líbia. Tinha quatro anos.

Recordo-me de ter adorado os primeiros capítulos, mas de não ter compreendido grande coisa a partir da chegada da rosa...

Mais tarde, o meu avô francês falou-me da odisseia e do heroísmo dos pilotos da Aéropostale, que foram as grandes vedetas da sua infância. Um dia, em 1929, cruzou-se com Mermoz na rua e cumprimentou-o. O aviador ofereceu-lhe um cigarro, apesar da sua pouca idade. Foi então que o meu avô começou a fumar... e fê-lo durante vinte anos.

Não provenho de um meio culto: ninguém na minha família lia, nem havia, de resto, livros praticamente nenhuns em minha casa. As minhas leituras são muitas vezes fruto do acaso, de encontros imprevistos.

Em adolescente, fui dar com *Terra dos Homens* numa biblioteca municipal em Rennes. Foi assim que

descobri que Saint-Exupéry escrevera outros livros além d'*O Príncipezinho*.

O que me prendeu foi o título, um dos mais belos que conheço.

A leitura de *Terra dos Homens* foi um verdadeiro choque, uma espécie de encontro com o começo da vida adulta. Desde então que o releio todos os anos, incansavelmente. Provoca sempre em mim uma torrente de imagens e de sensações.

O que me agradou, e ainda me agrada, foi nunca me ter sentido excluído da obra. Tive a sensação de compreender tudo. É um livro que eleva. Um livro profundamente acolhedor.

A garra quase mística dos pilotos da Aéropostale, o deserto, a amizade fraternal, a ação, a morte, a melancolia de existir, o assombro perante a beleza e a brutalidade do mundo, e a tentativa de encontrar uma lógica ou um sentido para tudo isso...

Deparar com esta obra numa idade tão precoce deu-me vontade de viver com o coração a palpitar. Como é formidável o momento de pousar os pés na Terra! Talvez seja ingênuo dizê-lo desta forma, mas de que outra forma seria possível?

Ilustrar os romances de aviação de Saint-Exupéry sempre foi um sonho meu. Tenho há vinte anos afixado no meu escritório um retrato fotográfico seu, tirado no fim da sua vida. Ele vê-me desenhar, pelos seus olhos em meia-lua, e acompanhou todas as peripécias da minha vida de autor – das primeiras tentativas até ao sucesso.

Uma manhã, apercebi-me de que estava mais velho do que ele. Foi nesse momento, estranhamente, que senti que me tinha sido concedida a permissão.

Escrevi às Éditions Gallimard, bem como aos herdeiros de Antoine de Saint-Exupéry, para lhes perguntar se podia ilustrar *Terra dos Homens*. Aqui lhes agradeço calorosamente por terem acolhido a minha ideia.

Espero poder dar o meu contributo ao mito Saint-Exupéry: permitir que uma nova geração de leitoras e leitores descubram, ou redescubram, este texto magnífico, cheio de aventuras humanas e de emoções, para que este lhes dê, também a eles, vontade de viver com o coração a palpitar, e sobretudo de nunca desistir e de seguir sempre em frente, como Guillaumet fez nos Andes!

*Henri Guillaumet, meu camarada,
a ti dedico este livro.*



A terra ensina-nos mais sobre nós mesmos do que qualquer livro. Porque nos resiste. O homem descobre-se ao medir-se através do obstáculo. Mas, para o alcançar, precisa de uma ferramenta. Precisa de uma plaina, ou de um arado. O camponês, na sua faina, arranca aos poucos alguns segredos à natureza, e a verdade que daí extrai é universal. Também o avião, a ferramenta das linhas aéreas, envolve o homem em todos os problemas antigos.

Tenho sempre à frente dos olhos a imagem do meu primeiro voo noturno na Argentina – uma noite escura em que cintilavam sozinhas, como estrelas, as raras luzes dispersas pela planície.

Cada uma assinalava, naquele oceano de trevas, o milagre de uma consciência. Neste lar, lia-se, pensava-se, trocavam-se confidências. Naquele outro, quicá alguém procurasse sondar o espaço, alguém se estafasse a fazer cálculos sobre a nebulosa de Andrómeda. Ali, amava-se. De longe em longe, reluziam no campo essas fogueiras que reclamavam alimento. Até as mais discretas: a do poeta, a do professor, a do carpinteiro. Mas por entre estas estrelas vivas,



I

A Linha

Estávamos em 1926. Eu tinha acabado de entrar como jovem piloto da linha aérea na companhia Latécoère, que assegurava, antes da Aéropostale e mais tarde da Air France, a ligação Toulouse-Dakar. Era a minha vez, bem como a dos meus camaradas, de passar pelo noviciado por que todos os jovens passavam antes de terem a honra de pilotar um avião de correio postal. Testes de aviões, deslocações entre Toulouse e Perpignan, tristes lições de meteorologia a um canto de um hangar gélido. Vivíamos com o temor das

montanhas de Espanha, que ainda não conhecíamos, e com o respeito pelos mais velhos.



Os mais velhos, encontrávamo-los no restaurante, bêbedos, um pouco distantes, concedendo-nos com altivez os seus conselhos. E quando um deles, vindo de Alicante ou de Casablanca, chegava até nós atrasado, o cabedal ensopado pela chuva, e um de nós, timidamente, lhe perguntava pela sua viagem, as suas respostas breves, em dias de tempestade, faziam-nos construir um mundo fabuloso, repleto de armadilhas, embustes, falésias surgidas do nada, redemoinhos capazes de arrancar cedros pela raiz. Dragões negros

defendiam as entradas dos vales, relâmpagos aos molhos coroavam os seus cumes. Os mais velhos alimentavam habilidosamente o nosso respeito. Mas, de vez em quando, eternamente respeitável, um ou outro deixava de aparecer.

Recordo também um regresso de Bury, que, entretanto, se matou nas Corbières. Esse velho piloto acabava de se sentar entre nós, e comia ruidosamente sem nada dizer, de ombros ainda vergados pelo esforço. Aconteceu ao final de um desses dias maus em que, de uma ponta à outra da linha, o céu estava podre, em que parecia ao piloto que as montanhas se arrastavam pela lama, quais canhões de amarras soltas a sulcar as pontes de antigos veleiros. Observando Bury, engoli em seco e arrisquei por fim perguntar-lhe se o

seu voo tinha sido complicado. Bury não me ouviu, de cenho franzido, debruçado sobre o prato. A bordo de aviões descobertos, quando o tempo estava mau, inclinávamo-nos para lá do pára-brisas para podermos ver melhor, e os silvos que as rajadas de vento nos provocavam nos ouvidos permaneciam. Bury ergueu por fim a cabeça, deu ares de me ter ouvido, de se lembrar, e rebentou bruscamente numa clara gargalhada. E essa gargalhada maravilhou-me, pois Bury ria pouco, desse riso breve que iluminava o seu cansaço. Não deu mais explicações sobre a sua vitória, pendeu a cabeça e retomou a sua mastigação em silêncio. Mas na monotonia do restaurante, por entre os pequenos funcionários que aí cuidam das humildes fadigas do dia, esse camarada de ombros pesados pareceu-me de uma estranha nobreza; por baixo da sua casca endurecida, deixava entrever o anjo que vencera o dragão.

Chegou então o dia em que foi a minha vez de ser chamado ao escritório do director. Disse-me simplesmente:

– Vai partir amanhã.

Ali fiquei, de pé, à espera de que ele me mandasse embora. Mas, depois de um silêncio, acrescentou:

– Conhece bem as directivas?

Os motores, à data, não ofereciam a mesma segurança que os de hoje. Muitas vezes, abandonavam-nos de repente, sem avisar, num grande espalhafato de louça quebrada. Aliviávamos a manete, deixando-nos aproximar da superfície rochosa de Espanha, que praticamente não oferecia refúgio. «Aqui, quando o motor avaria», dizíamos, «ao avião, infelizmente, não tarda que aconteça ao mesmo.» Mas um